



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de inauguração do campus Cariri da Universidade Federal do Ceará e entrega de títulos de regularização fundiária a agricultores da região

Juazeiro do Norte-CE, 20 de agosto de 2008

Tenho muita experiência em participar de manifestações públicas e estou vendo um monte de gente fazendo gestos para mim de que está com fome. Só queria lembrar a vocês que nós nos levantamos, em Brasília, às 6h da manhã e até agora não almoçamos. Vamos almoçar na hora em que voltarmos para Brasília, às 9h da noite.

Quero agradecer a paciência de vocês. Tenham um pouco de paciência que as lombrigas maiores não vão comer as menores, elas vão ter paciência. Quero pedir dois minutos de paciência para vocês. Sempre falo dois minutos, mas falo 20. Vou tentar abreviar hoje para contar algumas coisas que me deixam, como cidadão brasileiro, presidente da República e nordestino, eu diria, prazerosamente satisfeito.

Eu me lembro – não vou nem cumprimentar os ministros aqui, o governador, os nossos companheiros – quando o Ciro era ministro da Integração, uma vez ele me falou: “Presidente, o Banco do Nordeste, no ano de 2002, só conseguiu emprestar 250 milhões de reais. E no primeiro ano, Presidente, já emprestamos mais de 1 bilhão de reais”. Vou dar um dado para vocês para mostrar o que está acontecendo no Brasil, que muitas vezes os companheiros da imprensa não têm informação, não divulgam corretamente, possivelmente porque nós tenhamos errado na comunicação à imprensa. Talvez o BNB não tenha um grande assessor que passe para a imprensa todas essas informações, mas quero dar um dado importante para vocês, para vocês perceberem por que a economia cresce, o Nordeste cresce, por que diminui a



desnutrição infantil no Nordeste, por que aumenta o poder de consumo do povo do Nordeste e, muitas vezes, a gente não consegue ver isso na grande imprensa nacional, possivelmente porque, e agora, de verdade, nós sejamos ruins de comunicação. Talvez falando assim as pessoas não me entendam, mas não tem problema.

No dia 1º de janeiro de 2003, o BNB emprestou no Brasil inteiro, prestem atenção – vou chegar no Nordeste, calma – pegando toda a região do Nordeste brasileiro, 256 milhões de reais. Em 2008, emprestamos, até agora, ao todo, de lá até aqui, 12 bilhões de reais. Imaginem o que significa para a economia do Nordeste brasileiro, sair de 250 milhões de reais para 12 bilhões de reais. No Ceará, em 2002, o BNB emprestou 40 milhões de reais. Em 2008, 2 bilhões de reais. Imaginem a diferença de 40 milhões de reais para 2 bilhões de reais circulando na economia do estado do Ceará.

Aqui tem um dado errado meu. Vou corrigir antes que a imprensa diga que eu errei. Na verdade, estava falando do Crediamigo. O Crediamigo, que é um programa do Banco do Nordeste, em 2002 emprestava 40 milhões de reais, e hoje está emprestando 1 bilhão de reais. É verdade, gente, cometi o segundo erro. Vou colocar os óculos direito aqui. Os números que falei, do Ceará, estão corretos: de 40 bilhões para 2 bilhões, está correto. O Crediamigo, que era de 40 milhões, passou para 1 bilhão em todo o Nordeste, e só no estado do Ceará o Crediamigo hoje empresta 200 milhões de reais. Só para vocês verem a diferença de números. Isso está acontecendo em todo o território nacional.

Além disso, o Pronaf, que é o empréstimo da agricultura, que antigamente era só para a região Sul do País, 80% dele ficava no Rio Grande do Sul, um pouco em Santa Catarina, um pouco no Paraná, chegava um pouquinho a São Paulo. Depois, o Pronaf não emprestava mais dinheiro porque os trabalhadores do Nordeste ou não tinham título de terra para entrar no Banco do Brasil, ou não tinham o hábito de entrar no banco, porque também o banco não estava preparado para emprestar para pobres, era mais fácil



emprestar dinheiro apenas para quem já tinha dinheiro. Hoje o banco empresta dinheiro para quem entra lá de sandália havaiana, ou de qualquer outra sandália, ou de alpercata, dessas que a gente usa aqui, no Nordeste. Hoje no Pronaf, que quando nós entramos tinha emprestado 2 bilhões de reais, para a safra 2008-2009 serão 13 bilhões de reais colocados à disposição para o trabalhador agrícola brasileiro, para a agricultura familiar.

Esses números dão conta do que está acontecendo neste país. E vai acontecer muito mais, porque hoje nós viemos ao Ceará não para anunciar pequenas coisas. Nós viemos ao Ceará – e eu quero agradecer ao nosso companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras – porque nós viemos anunciar aqui uma refinaria, que vai começar a ser construída no ano que vem e vai ter um investimento de 11 bilhões de dólares – não é de reais – e vai ser a segunda maior refinaria de todo o território nacional. Por detrás da refinaria vêm outros investimentos. E não é para produzir pouca coisa, não, é para produzir biodiesel de qualidade para a gente exportar para a Europa e para os Estados Unidos, para a gente exportar para o “chique”. Desse petróleo que nós encontramos lá no pré-sal a gente não quer ser exportador de óleo cru, a gente quer exportar produtos de alta qualidade para trazer mais dinheiro para este país e exigir mão-de-obra mais qualificada.

Eu disse ao companheiro Cid: pague para ver e espere, porque ainda este ano eu quero vir outra vez ao estado do Ceará para assinar com ele o protocolo de construção de uma siderúrgica em Fortaleza. Por trás da siderúrgica vem um pólo metal-mecânico e vêm milhões de empregos ou milhares de empregos.

É por isso que o Ministro da Educação falou: além do curso de engenharia civil nós vamos ter que criar aqui um curso de engenharia mecânica, vamos ter que criar um curso para formar e preparar gente para estudar e para a gente se tornar exportador de conhecimento e de inteligência.

Não é apenas isso, tem muito mais coisas. Nós vamos, se Deus quiser,



inaugurar a Transnordestina, uma ferrovia que liga o porto de Suape, em Pernambuco, ao porto de Pecém, no Ceará, passando por Eliseu Martins, no Piauí, para a gente poder transformar essa região numa região muito rica. Na minha cabeça, talvez por eu ser nordestino, tenho consciência de que não é possível o Nordeste atravessar o século XXI tão pobre como atravessou o século XX. É importante que as pessoas aprendam que nordestino não quer ser pedreiro ou ajudante de pedreiro para construir prédios para outros. Nós não temos nenhum problema em ser pedreiros, mas também queremos ser engenheiros, médicos, dentistas, também queremos fazer Filosofia, também queremos fazer tantos outros cursos neste país.

Por isso, eu vim aqui hoje. É a primeira fase desta universidade que estamos inaugurando, tem outras fases. Já disse à reitora e ao Ministro da Educação que todas as propostas que temos para extensão universitária, para escola técnica e para universidade, a gente não pode prometer inaugurar em 2011 ou em 2012, todas terão que ser inauguradas em 2010. Eu não vou deixar pequenas e médias obras pela metade porque depois, se entrar um governo que não quer fazer, vai aumentar o canteiro de obras não terminadas neste país. Eu não estou lidando com ponte ou com asfalto, estou lidando com seres humanos. Eu não quero uma escola que seja metade de uma escola, quero uma escola com a cara inteira.

É por isso que também decidimos fazer aqui no estado do Ceará, na cidade de Redenção – onde houve a primeira libertação de escravos no Brasil – uma universidade afrodescendente. Metade português (brasileiros) e metade de estudantes africanos, dos países de língua portuguesa, para que o Brasil comece a resgatar a dívida histórica que nossa sociedade tem pelos trezentos anos de escravidão a que os negros foram submetidos neste país. Não há dinheiro no mundo que pague o que eles fizeram neste país, inclusive a nossa raça, a nossa cor. A mistura entre negro, índio, europeu foi o que deu essa beleza de gente chamada de brasileiros e brasileiras.



Meu caro José Sergio Gabrielli – que é professor de Economia da Universidade Federal da Bahia, hoje presidente da Petrobrás – eu quero contar para você por que a minha obsessão pela... Quero dizer para vocês da minha obsessão pela educação. Hoje, tenho 63 anos – vou fazer em outubro – se alguém disser que não parece, vou dizer que está mentindo... Eu vou fazer 63 no dia 27 de outubro. Quem quiser mandar um presente pelo correio, pode mandar que eu serei muito grato. Eu já tive muita frustração na vida por não ter podido estudar, muita. Se eu tivesse podido fazer um curso superior, eu tinha vontade de ser economista, porque economista é uma beleza. Quando economista é oposição, ele tem solução para tudo. Quando ele chega ao governo, ele não tem solução para nada. Por isso, eu queria ser economista, que é também a profissão do meu Ministro da Educação. É verdade, eu gosto de ver economistas lidando com números, uma facilidade fantástica.

Eu queria ser assim, mas não sou. Deus me encaminhou para fazer um curso no Senai e eu não me arrependo, porque graças a eu ter podido fazer um curso técnico no Senai, arrumei um emprego para ganhar mais, fui trabalhar em uma empresa grande, fui ser diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, adquiri consciência política, fundei um partido, criei uma Central de Trabalhadores neste país. E, aí, me meti a ser candidato. Perdi três eleições, mas estou aqui.

Tem uma música do Ivan Lins que eu utilizava sempre, a cada vez que perdia a eleição, como diria o nosso saudoso Brizola: “você volta para casa para lamber as feridas”. A cada vez que eu voltava para casa para lamber as feridas, me lembrava da música do Ivan Lins que diz: “Desesperar jamais”.

Aí eu começava a imaginar por que não se fazia mais universidades, mais escolas técnicas. Eu senti na pele o que é um trabalhador com uma profissão e um trabalhador sem profissão. Um trabalhador ou uma trabalhadora com profissão, uma menina que faz um curso profissionalizante, ou um menino, vai procurar emprego, e mesmo que não tenha a vaga a empresa pega o



currículo e ele tem chance de ser chamado. Mas quando a gente não tem profissão, e perguntam para a gente: “O que você sabe fazer?” “Tudo”. Mentira, não sabe fazer nada. Ninguém sabe fazer tudo, a gente tem que saber fazer uma coisa bem-feita, isso é que é profissão. Ou se perguntarem: “Sabe fazer alguma coisa? Qual a profissão?” “Nada”. Também vai voltar para casa com a carteirinha profissional aqui, no bolso do bumbum, vai entortar a bichinha e não vai arrumar emprego. E quando arruma emprego é para ganhar o salário mínimo. Mas quando você tem uma profissão, tem chance de se levantar na vida.

Vou repetir para vocês uma coisa que estou cansado de dizer mas não disse para vocês ainda: eu sou o oitavo filho de uma família de Garanhuns. Fui o primeiro a ter o diploma primário, a fazer um curso no Senai. Eu fui o primeiro, portanto, a ter uma profissão, a ganhar mais do que um salário mínimo, a ter uma casa própria, a ter uma televisão, a ter um carro, e fui o primeiro a chegar a presidente da República.

Pois bem, se uma profissão me permitiu chegar onde cheguei, quero dizer para vocês que ela pode dar a vocês o mesmo que deu a mim, ou muito mais, porque vocês têm chance de estudar o que não estudei. Por isso é que nós resolvemos fazer escolas técnicas.

Vou repetir o número que o Fernando Haddad citou, vocês estavam com fome, a lombriga estava roncando e não prestaram atenção: em 1909 o Nilo Peçanha fez a primeira escola técnica na cidade de Campos, no Rio de Janeiro. De lá até 2003, portanto, quase 100 anos, eles fizeram apenas 140 escolas técnicas. Nós, em oito anos, vamos fazer 214 escolas técnicas neste país. E vamos fazer porque estou cansado de ver na televisão... Quando a gente se senta à frente da televisão tem até medo de sair de casa: é bala perdida, é tiro para cá, é bandido para lá. A gente quase se abaixa embaixo do sofá. E todos que a gente vê presos são moleques de 20 anos, de 24 anos, de 25 anos, quase todos pobres e a maioria negros.



Fico pensando: será que aquela mãe que teve aqueles meninos tinha o útero predestinado a ter um bandido? Não! Foi a política econômica estabelecida neste país nos últimos 40 anos que fez gerar duas gerações de jovens sem oportunidades, porque o Estado não estava presente na favela, na educação, na cultura, no emprego. Esses jovens nasciam, ficavam adolescentes, ficavam adultos sem ter uma única esperança, morando nas grandes periferias deste país, disputando o metro quadrado com ratos, vendo o pai beber e bater na mãe, vendo mãe e filho brigarem porque moravam em quartos pequenos, onde dormiam, defecavam, cozinhavam e viviam. Como é que a gente pode exigir que apenas a polícia resolva esse problema? Pode encher de polícia que não vai resolver. O que vai resolver é dar oportunidade para essa meninada, é dar uma esperança para eles e mostrar que tem um caminho, uma saída. Aí passa pela recuperação da família. Fico pensando como é que minha mãe criou oito filhos e nenhum virou bandido, nenhum nunca roubou um centavo. Eu tinha vontade de comer maçã, passava por uma feira, tinha vontade de roubar e não roubava para não envergonhar minha mãe, porque ela era a referência da minha vida. Isso vale para cada um de vocês.

Agora, a gente liga a televisão e o que tem de cultura na televisão, o que tem de educação, de orientação? Não tem. Nós resolvemos investir em educação e é por isso que criamos o Fundeb – vou chegar no ProUni, meu filho. Qual era o problema que a gente tinha? A gente, no começo do governo, não tinha dinheiro para investir na educação e os estudantes gritavam: “escola pública e gratuita de boa qualidade”, mas a gente não tinha dinheiro. Eu também gritei muito quando era dirigente sindical. Então, eu comecei a dizer... O Fernando Haddad teve uma idéia genial e me apresentou uma proposta: “Presidente, vamos resolver os problemas dos pobres deste país? Vamos resolver a questão dos pobres da periferia deste país”, e me apresentou a proposta do ProUni.

Nós demos uma isenção fiscal às escolas particulares, trocamos o valor



da isenção por bolsas de estudos para jovens da periferia. Hoje, nós temos 380 mil jovens da periferia deste país fazendo universidade. Quando nós lançamos o ProUni disseram: “este governo está nivelando a educação por baixo, colocando pobres sem qualificação na universidade”. Depois de dois anos, o MEC foi fazer aferição da qualidade da educação deste país: de 14 matérias pesquisadas, os melhores alunos eram os pobres do ProUni que tinham estudado em escola pública. E por que esse fenômeno? Porque esses jovens conquistaram a oportunidade que eles pensaram que não tinham mais e aí não querem largar, trabalham aquilo com a alma do coração. Se os jogadores da seleção olímpica tivessem a mesma garra dos estudantes do ProUni, a gente teria agora que disputar a medalha no domingo. As mulheres são as mulheres. Por isso é que eu sou mais a mulher, porque as mulheres...

Quando nós criamos o ProUni tinha um tipo de gente que fazia discurso assim contra o governo: “estão privatizando a educação, estão dando dinheiro para universidade particular, estão fazendo isso”. Os babacas não percebiam que nós estávamos fazendo uma revolução na educação brasileira. Agora, outra vez este companheiro apresentou uma proposta: fazer o Reuni. O que é o Reuni? É uma coisa simples. Vamos dar um pouco mais de dinheiro para as universidades federais, que vão aumentar as vagas por professor. A média hoje é de 12 alunos por professor, nós vamos aumentar para 18. Nós aprovamos em todos os conselhos, das 56 universidades federais. Aí tem um tipo de estudante, daqueles que vocês sabem, que vão para a Reitoria querendo bater no reitor: “Dezoito alunos é muita gente na sala de aula, vai atrapalhar a educação”. O babaca rico, que já estudava, não queria que o pobre tivesse a chance de estudar. O que são 18 alunos por professor?

Vamos colocar mais 400 mil jovens na universidade, além das 12 universidades novas e das 88 extensões universitárias que vamos fazer neste país. O menino que falou aqui disse bem. Por que nós estamos levando para o interior? Porque a universidade tem que estar perto dos jovens, e não os



jovens se transferirem para as grandes cidades para disputar uma vaga em uma universidade. Por isso, companheiros, nós viemos aqui hoje, viemos aqui com muito orgulho porque eu, que não tive a oportunidade de estudar, quero que vocês tenham aquilo que os governantes da época não me deram. Quero que vocês tenham aquilo que eu não tive. Deus queira que quem vier depois de mim seja melhor que eu e faça muito mais do que fiz. Quem sabe, daqui para a frente, as pessoas aprendam que só tem lógica governar um país, uma cidade ou um estado, se a gente estiver disposto a fazer as coisas para quem precisa do Estado, para quem precisa do governo. O rico não precisa. Quem precisa do Estado é o pobre, é o pequeno. Os outros têm capacidade de sobreviver, o pequeno é que tem que ser ajudado. Por isso, eu digo todo dia: eu governo para todos, não discrimino ninguém. Não discrimino rico, nem pobre, sou presidente de todos.

Eu faço como a minha mãe: se eu tiver um bife, não tem filho mais bonito que vai comer sozinho não, todos vão dar uma lambidinha naquele bife. É assim que faz uma mãe. Governar este país não é apenas com a sabedoria da escola. Para governar este país é preciso combinar a inteligência que está dentro da nossa cabeça, o sentimento que a gente carrega no coração e os compromissos de origem que a gente tem. É por isso que vamos continuar fazendo. Por isso eu vim aqui, e é por isso que quero pedir desculpas a quem está com fome.

Muito obrigado pelo carinho que vocês dedicaram ao governo.

(\$211A)